CONHECIMENTOS UTEIS.

VOTO A FAVOR DA ILLUMINAÇÃO DE GAZ.

(*Carta.*)

Lisboa 10 *de março de* 1845.

4037 Tendo lido na *Revista* um artigo assignado pelo Sr. O. C. sobre a *Illuminação de Gaz* desta cidade, n'elle vejo muitos argumentos para mostrar que uma empreza desta natureza não faz conta a ninguem e que as pessoas, que entrarem n'ella se arruinarão, como succedeu á empreza que primeiro em París quiz estabelecer a illuminação de gaz.

Não nego o facto, admitto-o até; mas não intendo, que por que uma empreza em Paris falhou, outra qualquer falhe tambem: falhou a primeira, mas não falharam as outras; para isso podem ter concorrido causas, que talvez se não deem no caso presente.

O que é certo é que não só uma companhia ingleza mas tambem outra franceza se tem offerecido para tomar a empreza da illuminação de gaz d'esta cidade; e devemos accreditar que toda esta gente examinaria a fundo este negocio, antes de se ir expôr a perder os seus cabedaes.

Que offerecimentos de tal natureza devem ser ouvidos e meditados pelo governo e pelas camaras municipaes, é cousa que não consente duvida: porque todas as cidades principaes da Europa estão actualmente sendo illuminadas pelo gaz, tendo esta invenção a pouco e pouco suplantado a illuminação do azeite, por ser a luz do azeite infinitamente inferior.

A luz do gaz é hoje uma verdadeira necessidade para todas as cidades civilisadas, que quizerem ver as suas ruas quasi tão claras de noite como de dia.

O Sr. O. C. não quererá nem poderá negar a superioridade da luz do gaz; e como esta illuminação é uma quasi necessidade, resta só fazer os contractos com toda a segurança, o que não será difficil, podendo-se asseverar porém que não é provavel que as pessoas, que entram nesta especulação, se queiram sacrificar: tendo elles bem contemplado os encargos que tomam, sendo certo que á vista dos grandes melhoramentos que se tem introduzido na arte de fabricar gaz e da experiencia e regularidade que estes emprezarios tem naturalmente adquirido na erecção e manutenção de numerozos estabelecimentos em muitas cidades da Europa, hão de correr o risco que dantes havia em taes especulações.

Além d'isto, deve-se tambem considerar quanto hoje é modico o preço do ferro e que a maior parte das pessoas ou companhias, que tomam estas empresas, tem egualmente fundições e fornos altos aonde se podem facilmente sortir por preços modicos. Se taes emprezas não dão grandes lucros, tambem não dão perda, e attenta a abundancia de dinheiro que ha nos mercados inglezes, sendo facil obtel-o com o juro de um e meio até tres e meio por cento ao anno, não admira o empregar-se n'estes collossaes negocios cabedal grande.

Isto explica o porque apparecem em primeiro logar especuladores ingleses, pois são os que se contentam com o menor juro.

E é a razão porque em França, Allemanha e Italia a maior parte das fabricas do gaz, foram erigidas por especuladores inglezes, sendo ultimamente a cidade livre de Hamburgo illuminada por uma companhia ingleza.

Creio ter mostrado que a empresa não se arruinará com a illuminação de gaz d'esta cidade, e que uma tal illuminação convem. Tambem não hei de deixar passar a opinião do Sr. O. C. sobre ser esta illuminação prejudicial aos azeites nacionaes, e ao fabrico do oleo da purgueira.

A' primeira vista este argumento parece mais forte do que os outros expendidos no artigo. Supondo que realmente o consumo do azeite diminua alguma coisa, deverá isto excluir da capital de um reino de uma cidade como Lisboa a introducção de uma invenção, que se tem adoptado em todas as principaes cidades da França, Alemanha e Italia, estando todos estes paizes exactamente no mesmo caso de producção de azeite em que está Portugal? Porque a França fabrica azeite d'oliveira e de nabos e os seos balieiros lhe levam grande quantidade d'azeite de peixe. A Alemanha produz grande quantidade de azeite de nabos, e a Italia produz azeite de oliveira como Portugal.

Em todos estes paizes a conveniencia de ter uma boa luz, e de evitar assim desastres durante a noite tem sobrepujado estas consideração. Um exemplo singular a este respeito dá a cidade de S. João na Terra Nova, que vae ser illuminada por gaz, não obstante ser o azeite de peixe e baleia conjunctamente com o bacalhão a sua unica producção.

A Hispanha, que está nas mesmas circumstancias que Portugal, não se atém a tão mesquinhas considerações e já muitas das suas cidades estão sendo illuminadas por gaz; taes como Barcelona, Valença, Cadiz e Xerez; e de notar é que estas duas ultimas estão na parte da Hispanha que dá mais azeite de oliveira.

Devemos aqui mencionar um facto que se observa em toda a parte onde se estabelece o gaz; e é que o consumo do azeite e todas as materias, que servem para luzes, emvez de diminuir augmenta; o que se não póde attribuir senão ao costume que o povo toma ou de se deitar mais tarde, ou de se allumiar mais esplendidamente.

Falla-se do perigo de incendios occasionados pelo gaz, podendo-se asseverar, á vista dos depoimentos feitos perante a camara dos communs em Inglaterra, que o gaz em cazas particulares, longe de augmentar este perigo, consideravelmente o diminue.

Finalmente o gaz ha-de se extrair de carvão portuguez, pois na Figueira ha uma excellente mina d'elle, apto para o fabrico do gaz, e estou certo de que logo que a exploração e lavra das minas de carvão de pedra deixar de ser um privilegio exclusivo muitas mais hão de apparecer por este reino.

Assim por qualquer lado, que se olha para o projecto do gaz, incontram-se motivos para que elle seja introduzido nesta capital. Interesses particulares não podem entrar nesta questão, porque se assim accontecesse, nem caminhos de ferro, nem barcos de vapores, nem melhoramentos alguns se deviam adoptar.

Estamos no tempo dos descobrimentos é verdade; mas por isso mesmo é que devemos tomar para nós todos aquelles donde nos podérem vir commodos, e

não esperarmos por messias. Portugal não póde nem deve ficar para traz de toda a gente.

D. M. F.

AGUAS MINERAES DO REINO.

4038 Folgamos de ler no Diario do Governo a seguinte circular aos provedores de saude publica: — O Conselho de Saude Publica do Reino determina que V. S.ª, tomando as mais acreditaveis informações e fazendo todas as possiveis investigações, o informe; 1.º que aguas mineraes se conhecem no seu districto; 2.º em que concelhos municipaes se acham, a que distancia estão da cabeça do concelho, em que rumo em referencia a ella, e qual é a povoação que d'ellas fica mais proxima; 3.º qual é a configuração, composição, vegetação, e exposição dos terrenos que as contém; 4.º se se applicam interna ou externamente, ou de ambos os modos; 5.º em que doença se applicam, e qual o resultado mais geral d'ellas; 6.º se d'ellas se tomam banhos, qual é o estado, a fórma, as proporções e administração dos edificios para isso destinados; 7.º qual é a affluencia de gente a usar d'estas aguas, e d'onde vem; 8.º que analyses chimicas se conhecem d'ellas; 9.º que tempo ha que estão descobertas, e o mais que tradicionalmente d'ellas consta. O conselho espera que V. S.ª se haverá n'este importantissimo objecto com a maior circumspecção, e o desempenhará com toda a possivel brevidade para em seguida lhe serem encarregados outros de egual importancia e de que deve constar a estatistica sanitaria do reino. Deus guarde a V. S.ª Lisboa, em 12 de março de 1845.

MODO PARA DESRANÇAR A MANTEIGA.

(*Communicado.*)

4039 Um agronomo dos arredores de *Bruxellas* conseguiu tirar á manteiga o cheiro e saibo desagradavel batendo-a em agua fria com chlorureto de cal. Como se saíu bem, passou adiante; fez a mesma operação a manteiga mais rançada que achou, manteiga tal que de todo em todo se não podia comer, e tornou-a tão boa e agradavel como a propria manteiga fresca.

Toda a gente póde usar da receita; é facilima. Toma-se tanta agua quanta seja necessaria para a manteiga que se ha-de purificar, e n'esta agua se lança chlorureto de cal a razão de 12 a 15 gottas por cada arratel de manteiga. Então se mette a manteiga dentro e revolve-se muito bem para que toda ella chegue a ter contacto com o liquido: póde-se ainda deixar dentro uma hora ou duas quieta no seu banho medicinal, depois tira-se; lava-se muito bem em agua simples e fria, batendo-a outra vez e remechendo-a como acima.

Como o chlorureto de cal não é venenoso, quem quizer ou julgar conveniente póde para uma manteiga muito perdida augmentar o numero das gottas: entretanto em França repetiram-se experiencias e achou-se sempre que a dóse já mencionada era muito bastante.

FALSIFICAÇÕES DO VINAGRE E MEIOS DE AS CONHECER.

4040 Quasi todo o vinagre que se vende no commercio é falsificado com substancias estranhas. Algumas vezes misturam-lhe acidos mineraes, para lhe augmentarem o gráu de sua acidez: todavia esta fraude é facil de reconhecer comparando o gosto d'este com outro que esteja no seu estado de pureza; e pela acção d'estes acidos sobre os dentes produzindo uma sensação particular.

Vinagre falsificado com acido sulphurico (oleo de vitriolo). Deita-se no vinagre um sal de baryta, que fórma com o acido sulphurico um precipitado (1) insoluvel no acido hydro-chlorico (espirito de sal). Vinagre falsificado com o acido nitrico (agua forte). Juncte-se ao vinagre algumas gotas de acido sulfo-indigotico (sulfato de indigotina) que perde immediatamente a cor azul, e passa para amarella. Vinagre falsificado com o acido hydrochlorico. Juntando-se-lhe o nitrato de prata (pedra infernal) n'elle se produz um precipitado insoluvel no acido nitrico (agua forte). Muitas vezes o vinagre contém tartaro; porém o precipitado produzido n'este caso pelos saes de baryta, ou de prata se dissolvem nos acidos. Segundo Keihn, todo o vinagre, que contenha mesmo uma quantidade mui pequena d'um acido mineral é turvado por uma dissolução de antimonio potassico.

Assegura-se, que o vinagre é muitas vezes falsificado com substancias acres vegetaes como a pimenta da India, o mezereão etc. Este vinagre saturado por um alcali conserva um sabor acre que é facil de conhecer n'estas substancias estranhas.

Izidoro José Gonçalves.

REMEDIO EFFICAZ E SIMPLES PARA TOSSE CONVULSA.

4041 Nada ha mais simples, e que produza um effeito tão bom como este que vi pôr em pratica.

Consiste em ferver duas libras d'agua até ficar em metade, e dál-a á pessoa que tiver tosse o mais quente que podér supportal-a. Isto deve ser ao recolher, e tantas vezes quantas sejam precisas para a tosse desapparecer.

I. J. Gonçalves.

BALSAMO ODONTALGICO.

4042 Oleo concreto de noz moscada. . quatro onças
Oleo empireumatico de Gaiaco. . . . . duas oitavas
Oleo volatil de cravo da India . . . . . uma oitava
Opio. . . . . } de cada coisa dois escropulos
Camphora. . . . . }

Esta composição applica-se sobre os dentes cariados, dolorosos, e acalma promptamente as dores.

I. J. Gonçalves.

SOBRE A IMMORTALIDADE MATERIAL.

(*Carta.*)

4043 Quando no artigo 2178 do antecedente volume appareceu o processo de tornar as substancias animaes petrificaveis; desde logo tencionei fazer as minhas observações com a mira d'obter o resultado d'um descobrimento tão interessante. Depois de procurar a formula do sal d'Alembroth, e não a encontrando em alguns Aucotres; consultei finalmente o (*a*) Tractado

(1) O pó que se deposita no fundo da vasilha que se faz a operação.

(*a*) A fórmula do sal d'Alembroth do Sr. Soubeiran é a seguinte:

Deuto-chlorureto de mercurio. . . . . } partes eguaes.
Hydrochlorato d'ammoniaco. . . . . }
Dissolvidos em agua distillada. . . . . }

de Pharmacia do Sr. Soubeiran: porém pondo em pratica a sua preparação, e não obtendo o effeito desejado deixei de insistir na experiencia por muito tempo. Agora como visse novamente lembrado o descobrimento, e junctamente a formula do sal d'Alembroth apresentada por pessoa assaz respeitavel, e scientifica o digno pharmaceutico o Sr. Sousa Telles; tornei de novo a empreender a experiencia, e como encontre algumas duvidas no modo da preparação, aproveitando-me do offerecimento do seu zeloso collaborador, espero que não se recusará a esclarecer-me com as suas luzes.

Muitas são as duvidas que se offerecem para obter similhante preparação (pelo menos a mim) principiarei citando-as para n'ellas ser bem esclarecido. No artigo 3178 manda dissolver o sal d'Alembroth em agua distillada, e immergir n'esta solução a substancia animal, que se quizer petrificar. Segue-se que o sal d'Alembroth é soluvel n'agua. Todavia eu acho que elle é insoluvel, (*b*) (pelo menos o precipitado que obtive, era-o) e o mesmo processo citado no artigo 3721 o afirma porque não só diz que deve haver um precipitado, mas tambem que se deve lavar este residuo até não ter sabor algum. Agora quanto ao dizer o Sr. Telles, que, lhe parece, que, para tornar as substancias animaes consolidaveis se não deve ajunctar a solução da potassa, eu direi, pedindo venia, que só com o processo do sal sem outra preparação nunca se poderão obter as substancias animaes tão duras como a pedra. A' vista pois das minhas fracas indagações limito as minhas perguntas aos seguintes problemas.

1.° Se o precipitado do resultado da operação, que é propriamente o sal d'Alembroth, é ou não insoluvel, e qual o meio de o tornarmos soluvel n'agua, a fim de obtermos os resultados, que o Sr. Baldacconi afirma.

2.° Se se deve empregar o carbonato de potassa, ou a potassa caustica para formar o precipitado.

3.° Finalmente quaes são as propriedades chimicas, e phisicas do precipitado.

Eis pois a que se reduzem as duvidas em que me acho involvido, e que não poderia desfazer sem a coadjuvação de pessoa auctorisada na materia.

Izidóro José Gonçalves.

—

Carta em resposta á precedente.

Li a carta do erudito Sr. Isidóro José Gonçalves, e quizera responder-lhe como convinha, e ellucidar, se me fosse possivel, as suas duvidas. Ver-me-hia, porém, na precisão de exceder os limites de um pequeno artigo, aliás insufficiente para descrever theorias, improprias de um jornal, que na variedade d'assumptos, põe, com razão, uma parte do seu mérito.

Não fui eu, que recommendei o processo, para a immortalidade material, mas sim o Sr. Baldacconi; logo, não me incumbe responder pelo bom, ou máu resultado de taes experiencias. Fui, apenas convidado, para descrever, a fórmula do sal d'Alembroth, o que effectivamente fiz, e considerando algumas desconveniencias, na applicação inculcada, adverti, que seria talvez a proposito supprimir a adicção da lixivia alcalina, e isto por motivos bem obvios, a quem tem conhecimentos chimicos, como demonstra possuir o Sr. Gonçalves.

A composição a que os antigos chamavam sal d'Alembroth, ou sal da sabedoria, encontra-se em Soubeiran, Gauthier, Orfilla, Thenard, Berzelius, Lewis, na Pharmacopea de Londres, e varios outros auctores, porém, não vem em todos, debaixo da mesma denominação. Chamam-lhe uns, propriamente sal d'Alembroth, ou da sabedoria, outros, hydrochlorato ammoniaco mercurial, e até alguns, hydrochlorato de deutoxido de mercurio etc. etc. Encontram-se tambem duas fórmulas quasi identicas na composição, e no titulo. A primeira é soluvel, e a segunda não; aquella é o bichlorureto de mercurio, com o chloridrato d'ammoniaco; esta é a mesma fórmula, addicionando-se-lhe porém a ammonia, ou um sal alcalino, que fórma um precipitado, branco, insoluvel, e é o oxychlorureto ammoniaco mercurial insoluvel.

Está visto, pois, que a primeira composição parece ser, a indicada pelo Sr. Baldacconi, o que adverti quando fiz ou recommendei a subtracção da lexivia; a segunda, como insoluvel, só póde ter applicação, suspendendo-se o oxichlorureto em agua, o que segundo afirma Orfilla, tem a propriedade de se identificar com as substancias animaes, combinando-se em parte, e intimamente com ellas. Logo, respondendo, ou resolvendo o primeiro problema direi, que o supradito precipitado, é insoluvel na agua, mas suspende-se, n'ella a favor da ilutriação, e assim mesmo obra sobre as substancias segundo nos diz Orfilla; mas o seu resultado, em relação ao que propõe Baldacconi, não ouso affiançar. Ao segundo digo: que uns auctores recommendam a potassa lixiviada logo, subintende-se o carbonato; e outros querem que se empregue a solucção saturada d'ammonia.

Quanto ao terceiro, é facil conhecer as suas propriedades phisicas, e são exactamente as que o Sr. Gonçalves descreve em uma nota. As chimicas são as que indica Orfilla, acima citado, além das que provém das reacções que exercem os oxydos sobre certos corpos, e que não é possivel aqui descrever, em razão da limitação que se me recommenda, mas que o Sr. Gonçalves facilmente attingirá com seu reconhecido talento, e saber.

Lisboa 27 de janeiro de 1845.

Henrique José de Sousa Telles.

(*b*) O preparado, que me resultou da fórmula indicada no artigo 3721 tem as seguintes propriedades phisicas. E' um pó branco assimilhando-se com os calomelanos, insoluvel n'agua, e desenvolvendo um cheiro bastante pronunciado do ammoniaco.

VARIEDADES.

A PAIXÃO.

4044 Destinado a morrer para salvar-nos
Do infernal captiveiro,
Astro dos astros, em Bethlem raiaste!
Christo! Deus verdadeiro!
Na terra onde nasceste, á paixão tua,
Senhor, principio déste!
Cresceste; e a lei Divina proclamando,
Ira insana te investe
Dos tirannos da terra; sempre em balde,
Mas eis a hora terrivel
Sôa escripta por ti ao teu suplicio!
Tu, Senhor, invencivel,

Te deixaste vencer! o osculo impuro
De Judas, suportando,
Discipulo venal, que assim se perde,
Por oiro a alma trocando!
Jesus, meu bom Jesus, tu vês a morte
Dos homens merecida,
E a sofrêl-a te off'reces resignado!
Na final despedida
Sácro penhor deixando á humanidade
De teu amor paterno!
Teu corpo, e o sangue teu, na cêa extrema
Que déste, oh! Rei superno!
Assim, purificando os pecadores,
Te entranhaste nas almas!
Assim deixando a terra nos entregas
De teu martyrio as palmas!
Ao Pae Celestial oraste no horto,
Depois da sacra cêa,
Com tanta dôr, que teu suór divino
A terra purpurêa!
Sangue adorado! precursor d'aquelle
Que no Golgotha déste!
De impios judeos te cerca abjecto bando,
Tu, meu Deus, os sofreste!
Tu, meu Deus, que podéras n'um momento
No abismo confundil-os!
Prisão, tratos, e injurias tolerando,
Não quiseste impedil-os!
De mil tormentos sustentando o peso,
Até a cruz suportas!
Teu suplicio affrontoso condusindo
Saes de Sião as portas.

—

Ao suplicio Jesus se encaminha,
E na turba que insana o vae vêr;
Como geme innocente rolinha,
Voz divina se escuta gemêr.

—

E' a Virgem, a Mãe dolorosa,
Que ao encontro do filho voou!
E' seu rosto gentil fresca rosa,
Que um orvalho nocturno aljofrou!

—

Lá se avistam! que dôr! que amargura,
Póde a dôr d'esta mãe igualar!
Sangue, e pranto correndo á mistura,
Vão a terra culpada innundar!

—

Outro pranto! outros ais redobrados!
São as filhas da triste Sião!
«Sobre vós, sobre os filhos culpados,
Diz Jesus, pranteae, por mim não.»

—

Eis o Golgotha! oh! monte Sagrado,
Onde vaes expirar, meu Jesus!
O teu corpo divino, chagado,
Se levanta pregado na Cruz!

—

Essa corôa, que soffres, é emblema
Que aos monarchas do mundo faz vêr
Os espinhos do regio diadema,
Quanto custa o seu peso sustêr.

—

Sêde tens, e os algozes tirannos
Fél amargo emvêz de agua te dão!
Tudo soffres a bem dos humanos!
Oh! tormentos! Oh! Cruz! oh! paixão!

—

Expirando por nós, Deus piedoso,
A Maria por filhos nos dás;
Esse calix bebendo amargoso,
Teu espirito exhalas em paz!

—

Contra os vivos os mortos se ergueram!
Negra sombra o universo enluctou!
As entranhas da terra gemeram!
Foi n'ess' hora, que um Deus expirou!

—

Pranteêmos, fiéis, recordando,
Quanto Christo por nós padeceu!
Nossa dôr, nosso pranto offertando
Ao Senhor que o seu sangue nos deu!

—

Nossas almas sepulchro sagrado
Nós devemos a Deus preparar;
E por mirra a seu corpo adorado
Da virtude o perfume offertar.

—

Virgem pura! na tua saudade,
Da soidão no cruel amargôr
Ouve, accolhe a fiel christandade,
Que te chora, e acompanha na dôr.

—

O mundo nas trévas:
Na dôr, na agonia!
Morreu a alegria!
Jesus espirou!....

—

Já frio, sem vida,
Seu corpo adorado,
De pranto banhado,
A' terra baixou!

—

Silencio!... que vejo!...
Que lei portentosa!...
Da campa ditosa
Um astro se ergueu!

—

Oh! terra, alleluia!
Jesus ressuscita!
Oh! morte bemdicta,
Que a vida nos deu!

D. Antonia Gertrudes Pusich.

—

GENUFLEXÃO Á CRUZ.

4045 ¡ Sobre o altar desnudado, a Cruz deserta,
Arvora, em vez do Christo, alvo sudario!
¡ Negreja, como lâmina de espada
Retinta em sangue de feroz batalha!
¡ Em tôrno d'ella as flores, semi-murchas,
Pendem, como em jardim de extincto dono!
¡ Reflectem-se dos canticos da igreja,
Entoados com lúgubre harmonia,
Intimas afflicções! — Envolto em crepe,
Surdo gemido arranca o alaúde....
¡ Minha alma vôa do Cedron ás ribas,

Galga pelas encostas do Olivete,
Onde rojou no pó, cheio de angustias,
O Filho do Immortal, votado á morte!
¡ Oh, não me poder eu ir lá, co' o anjo,
Que o sanguíneo suor vôa a enchugar-lhe!
¡ Não poder eu prostrar-me ante seus olhos,
Entre as convulsas mãos colher seu pranto,
Refrigerar com elle o arido peito,
Sequioso de amor sublime, e puro!
¿ Mas quem ousa elevar seus pensamentos
A' augusta Personagem do Calvario?
¿ Quem ousa equiparar humanas dores,
Aos tormentos horriveis do Homem-nume?
¡ Deus! ¡ Oh Deus! ¡ Tu cerraste bronzeas portas
Contra o que proclamáras teu mimoso!
¡ Dos poderes da terra amotinados
O abandonaste á furia! ¡ Trago, a trago,
O acerbo calix exgotou de opprobrios...
Té que hasteado na Cruz victoriosa,
Espadanando o sangue, e resplendores,
Lá avultou, do Golgotha no cume,
Sobre a fronte dos Césares alçado!
Debaixo do madeiro sacrosanto
Soterrado ficou o collo hediondo
Da hydra invulneravel dos infernos....
Seculos tem volvido, hão-de volver-se,
E a cauda palpitante da serpente,
Em perennal debate açoita o lenho,
Ressumbra pelo solo a baba infecta,
Mas a rábida fronte jaz captiva.....
E captiva ha-de achal-a, ao fim dos evos,
Quando vier dos tumulos o Archanjo,
Dentro nas trevas do segundo cáhos,
Encadeal-a mutilada, inulta.
Os impios conculcaram do Cordeiro
A cerviz, porém Elle libertou-nos.
E' só juncto da Cruz, é só no templo,
Que, do tropel do mundo, fugitiva,
Minha alma dolorida acha refugio.
Dá-me, ó Christo, que em paz cerre meus olhos
A' sombra magestosa do Sanctuario;
Que sobre os meus despojos se desprenda
Só do bronze insensivel um gemido;
E a todos os que amei, piedoso outorga
De plácida virtude o gôso, e o premio.

Maria J. S. C.

O DESENGANO.

4046 Vae do tempo dobando a roda rapida
Meus dias enluctados!
De esp'rança um canto só não me repetem
Os valles afastados!!
Só cortado gemer soluça ao longe
O echo da solidão,
Saudades, queixas só a dôr me espreme
Do martyr coração!!
Não me brilha uma esp'rança, que dissipe
Os longos meus pezares,
Só lá me alveja a campa á luz da alampada
Que pende ante os altares.
Na campa aos males meus enxérgo um termo.
Fardo das minhas dores,
Alli te deporei ao som d'um hymno
De conforto e d'amores.

Em todos os bens do mundo
Busquei a felicidade:
Colhi-a... fructos por fóra
Por dentro cinza ou vaidade!

Alma pensei que existisse
Com que a minha se intendesse;
E que á sombra da amizade,
Meu soffrer adormecesse;

Todas encontrei vasias
De consólo e compaixão:
Passei da amisade a amor;
O amor como ella era vão.

D'entre os jardins de Cithéra
A ventura me acenou....
Corri... apanhei a rosa,
E mal a apanhei, murchou!!

De flôr tão linda, e mimosa
Espinhos... mais nada sinto....
Quero inda chamar-lhe bella...
Mas não posso, porque minto!

Oh! e se o foi!... foi-o muito!
Mais que a risonha alvorada!
Mais que a lua meiga e triste!
Mais que esperança encantada!

D'entre as flôres escolhi
A cecém branca e singella:
Que na cecém vi a imagem...
A formosa imagem d'ella!

Amei a tarde saudosa,
D'alva a feiticeira estrella:
N'uma e n'outra me enlevavam
Uns longes das graças d'ella!

Amei os raios doirados,
Do sol quando s'escondia,
Pois de sua trança d'oiro
N'elles um reflexo via!

Amei do céu as saphyras;
D'aurora os rubys radiantes,
Da tarde a roxa amethista
Da noite os finos diamantes:

Amei tudo o que era bello,
Bello como ella era bella,
Que em tudo me apparecia
Retrato ou lembrança d'ella!

Mas era flôr, e finou-se!....
Se ainda é bella não sei...
Ou mudei, ou murchou ella...
Não é a mesma que amei.

E de tudo descri, e fui carpir-me
Sobre a gelada louza,

Onde em pó já desfeita a cara Ismellia
Para sempre repouza!....
E na baze da cruz tranquilamente
A fronte descancei.....
Socego, doce paz, venturas, esp'ranças
Lá sómente encontrei.
Desilluzo, e feliz o adeus extremo,
Das orlas do jazigo.
Na presença de Deus enviei ao mundo!
E disse a sós comigo:

Tudo murcha, só não murcham,
Nunca jámais murcharão,
As flores, que a Deus seméa
Nos jardins do coração.

B. Wernéek.

SUPERSTIÇÕES POPULARES NO MINHO.

(*Carta.*)

Porto 10 *de março de* 1845.

4047 Dou a V. satisfação de não ter aproveitado as lembranças que me fez a honra de me dirigir sobre as antiguidades, que desejara saber, para que se não persuada de que tive em pouca consideração o que teve a bondade de escrever-me. Na falta de coisas mais interessantes tenho atordido a cabeça a V. com insignificantes costumes e superstições dos povos que me cercam, e d'isto fallo com facilidade, porque sou eu que vejo e oiço, e não temo ser indusida em erro. Se cançado das minhas semsaborias, quizer pôr ponto a ellas, tenha a caridade de me fazer meio aceno, que eu farei alto: pelo emtanto continuo.

Ha crendices aldeãas, muito comicas, e que parecem, a quem as não viu, coisas inventadas para fazer rir. A pessoa que tem um terçol (a que vulgarmente se chama treçogo) faz um pequeno circulo no lar que appellida a casa do treçogo, acende lume e saltando tres vezes por cima grita: *aqui de el-rei fogo, em casa do treçogo*: vae gritando com a mesma azafama, e sae por outra porta, sem ser aquella por que entrára: ou salta pela janella. A isto se chama *talhar* o treçogo. Quem tem verrugas, vae a uma casa, bate á porta e grita *verrugas trago verrugas vendo, aqui as deixo, e vou correndo.* E' de fé que o primeiro que abrir a porta ficará com as verrugas. Talham-se as empigens pondo-se-lhes saliva em jejum e dizendo: *empija rabija, assim como eu comi e bebi, assim tu medres aqui.* E' sempre por tres vezes que estas coisas se disem e fasem: é um numero afortunado.

Alguns aldeãos disem ás vezes que teem sol na cabeça e tiram-n'o do seguinte modo. Pegam em um copo cheio de agua e pondo um guardanapo na bocca do copo o voltam e pousam sobre a cabeça do molesto (que estará ao sol e á hora do meio dia.....) o qual diz: *sol, dá-me a minha frescura, que eu te dou a tua quentura.* E asseveram que a agua ferve. Aquelle que tem mão ou pé aberto cose-o d'esta maneira: faz ferver um panella de agua e a despeja em uma vasilha aonde pouza a panella com o fundo para o ar, sobre que assenta o pé, e sobre elle um novello em que cose outra pessoa que pergunta: *eu que coso?* responde o molesto: *pé aberto — fio estorço! — isso mesmo é que eu coso.* A panella ao passo que vae arrefecendo, vae sorvendo a agua toda, signal certo para elles que o pé está cosido.

Dá uma coisa nos olhos a que chamão *unheiros* e que *talham* assim. Com uma cruz fazem-lhe circulos dizendo: *Unheiro verde em parede sêca quem te talhará? Só se fôr Nossa Senhora, que ella só poder terá. Pelo poder de Deus e da Virgem Maria e do Apostolo S. Tiago e de todos os Sanctos e do milagroso S. Silvestre que tudo o que eu faço preste. Só Nosso Senhor é que é o verdadeiro mestre.* — *Talha-se* a erisipela com um ramo de oliveira fazendo cruzes e dizendo: *Pedro Paulo foi a Roma, Jesus Christo o encontrou, elle lhe proguntou — Que vae por lá Pedro Paulo? — Morre por lá muita gente. — ¿ De que? — De irzipula irzipelão. — Torna atraz Pedro Paulo que todos sararão. Cura-os com agoa da fonte, espargo do monte, e com o meu nome: amen. Talha-se* o bicho dizendo: *Eu que talho? Bicho, bichão, sapo sapão, bicho de toda a nação*, etc. O que chamam bicho, é alguma ferida de que se não conhece a origem e que sempre é attribuida á passagem de algum bicho pela roupa que se vestiu, ou coisa em que se tocou. Tudo o que se *talha* é arrematado com um Padre Nosso e Ave Maria.

E, para vêr como essa gente mistura em antigas superstições, que mostram serem gentilicas, palavras e orações da nossa religião; e o peior é que muitos confundem de tal modo estas visiveis crendices, com as praticas das boas crenças, que muitas vezes, quando mal guiados, escarnecem das crenças mais sanctas e sujeitam-se a *talhar* qual quer mal que padecem; pois, louvado Deus, tudo se talha (até as dores de dentes!) e tudo com palavras e cerimonias diversas. Não sei se *talhar* vem de atalhar.

Quando a primeira vez se vê a lua nova diz-se — *Lua nova, benza-a Deus: minha madrinha mãe de Deus, de tres coisas me has-de livrar, de agua corrente, de fogo ardente, de linguas de má gente.*

E' geralmente recebido entre os camponezes que o raio se apaga quando chega a terra e deixa uma pedra branca, que aparece passados sete annos, e que tem grandes virtudes: ha quem tenha (antes quem julga ter) das taes pedras, que guarda como reliquias.

Outra quejanda historia contam por certa, na qual tambem andam pedras brancas. A cobra quando vai beber deixa o veneno sobre uma: se alguem por peça lhe rouba a pedra, fica a cobra em uma continua effervescencia e desespero, e d'aqui vem o rifão de que usam quando alguem anda inquieto — Anda como a cobra que perdeu a peçonha.

De V. etc.

Uma Obscura Portuense.

CORRESPONDENCIAS SECRETAS: OU O PADRE NOSSO E A AVE MARIA PARA TUDO.

(*Carta.*)

4048 De um livro antigo colhi eu, Sr. Redactor a curiosidade que por suas mãos desejo offerecer aos leitores do seu variadissimo jornal, com a esperança de os fazer passar, n'estes serões de inverno, uma hora ou duas de agradavel exercicio.

Tracta-se de fazer com que, sem custo, escreva latim grammatical e perfeitamente intelligivel quem nunca o estudou, e, variando n'elle sem limites a ora-

ção dominical e a saudação angelica, exprima por essas variações tudo que lhe vier á cabeça: não é dos brincos mais improprios para o tempo sancto.

Cada uma das 42 columnas que apresento contém tantas palavras, quantas são as lettras do alphabeto, correspondendo cada palavra a cada lettra, ainda que por ella não comece. O curioso escreve primeiro o que pertende communicar em segredo, e cada uma das lettras de que sua phrase se compõe, procura traduzil-a por uma palavra; isto é, a primeira lettra pela palavra que na primeira columna corresponde a essa mesma lettra: a sua segunda lettra pela palavra que a essa lettra mesma corresponde na columna segunda, e assim por diante até á quadragessima segunda lettra, depois do que, não havendo mais columna, volta novamente á primeira, procurando n'ella a palavra correspondente á sua quadragessima terceira lettra.

Ponhamos exemplo: seja esta quadra de Bocage:—

Na gaiola empoleirado
O mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.

Traducção d'esta quadra em padre-nossos e ave-marias em latim, que á vista do seguinte vocabulario infallivelmente a hão-de dar.

Opifex noster qui permanes in cœlis laudetur alloquium tuum; dilatetur regnum tuum, impleatur cogitatio tua: æque in alto et in mortalibus: poculum supercoelestium fortissimum da egenis jugiter; et relaxes vitia nostra; quatinus nos parcimus demulis nostris: et ne simplices conducito in interitum: libra humiles tuos à culpis. Ave patrona, charitate circumfusa; excelsus tecum: sanctissima tu in cælestibus; et suavissimus filius seminis tui Jesus Dei filius Pater nostrum, qui resides in cælis; adoretur latibulum tuum; prevaleat amuletum tuum; expleatur veneratio tua simul in supremis et infidelibus: alimentum bonitatis perpetuum conferas miselis jugiter et absterge nobis commissa nostra; sicut nos subvenimus malefactoribus nostris: ed ne nos adducas in tentamina; sed serva nos omnes tuos à reatu. Vivito puerpera, dulcedine circumfusa; conditor tecum: nobilissima continentibus; et eminentissimus * (aqui temos concluida a quadra, que por isso o marcámos com a estrella; mas para completar a saudação angelica deixada em meio, tomaremos *ad libitum*, das columnas que vão seguindo á trigessima oitava em que parámos, uma palavra em cada uma até o fim: por exemplo: fructus operis rex pius).

1	2	
a Pater	*a* Noster	qui
b Factor	*b* Nostrum	
c Creator	*c* Omnium	
d Conditor	*d* Cunctorum	
e Amator	*e* Universorum	
f Salvator	*f* Universitatis	
g Plasmator	*g* Christianorum	
h Redemptor	*h* Christicolarum	
i Conservator	*i* Praedestinatorum	
j Sanctificator	*j* Supercoelestium	
k Justificator	*k* Universalium	
l Adjutor	*l* Generalium	
m Auxiliator	*m* Generis nostri	
n Opifex	*n* Hominum	
o Autor	*o* Justorum	
p Judex	*p* Bonorum	
q Rex	*q* Piorum	
r Deus	*r* Mitium	
s Rector	*s* Fidelium	
t Defensor	*t* Sanctorum	
u Imperator	*u* Credentium	
v *Imperator*	*v* *Credentium*	
x Liberator	*x* Angelorum	
y Vivificator	*y* Spiritum	
z Consolator	*z* Ortodoxorum	

3		4
a Es	in	*a* Coelis,
b Ades		*b* Coelo,
c Vivis		*c* Altis,
d Extas		*d* Alto,
e Existis		*e* Excelsis,
f Manes		*f* Excelso.
g Permanes		*g* Altissimo,
h Resplendes		*h* Altissimis,
i Dominaris		*i* Coelestibus,
j Luces		j *Coelestibus*,
k Principaris		*k* Omnibus,
l Coruscas		*l* Universis,
m Triumphas		*m* Supernis,
n Imperas		*n* Paradiso,
o Regnas		*o* Jerus. coelesti,
p Reluces		*p* Empyreo,
q Sedes		*q* Ævum,
r Resides		*r* Æviternum,
s Refulges		*s* Æternum,
t Habitas		*t* Perpetuum,
u *Rutilas*		*u* Sempiternum,
v Rutilas		*v* Æternitate,
x Splendes		*x* Eminentissimo,
y Splendescis		*y* Eminentissimis,
z Glorificaris		*z* Supremis,

5	6	
a Sanctificetur	*a* Nomen	tuum
b Magnificetur	*b* Domicilium	
c Glorificetur	*c* Ædificium	
d Benedicatur	*d* Latibulum	
e Honorificetur	*e* Vocabulum	
f Superexaltetur	*f* Imperium	
g Honoretur	*g* Regnum	
h Exaltetur	*h* Scabellum	
i Laudetur	*i* Consilium	
j Concelebretur	j Sceptrum	
k Timeatur	*k* Diadema	
l Diligatur	*l* Eloquium	
m Ametur	*m* Institutum	
n Adoretur	*n* Constitutum	
o Colatur	*o* Alloquium	
p Invocetur	*p* Mysterium	
q Celebretur	*q* Testimonium	
r Collaudetur	*r* Evangelium	
s Clarificetur	*s* Cognomentum	
t Beatificetur	*t* Cognomen	
u Manifestetur	*u* Agnomen	
v Amplificetur	*v* Prænomen	
x Agnoscatur	*x* Pronomen	
y Cognoscatur	*y* Templum	
z Notum esto	*z* Agnomentum	

7	8	
a Adveniat	*a* Regnum	tuum
b Conveniat	*b* Imperium	
c Perveniat	*c* Dominium	
d Proveniat	*d* Institutum	
e Accedat	*e* Documentum	
f Appropinquet	*f* Beneplacitum	
g Magnificetur	*g* Repromissum	
h Multiplicetur	*h* Constitutum	
i Sanctificetur	*i* Promissum	
j Amplificetur	*j* Eloquium	

k Prosperetur	*k* Consilium	
l Dilatetur	*l* Verbum	
m Pacificetur	*m* Dogma	
n Amplietur	*n* Ovile	
o Prævaleat	*o* Opus	
p Convaleat	*p* Placitum	
q Exaltetur	*q* Complacitum	
r Augeatur	*r* Præmium	
s Firmetur	*s* Amuletum	
t Confirmetur	*t* Adjutorium	
u Confortetur	*u* Remedium	
v Crescat	*v* Domicilium	
x Veniat	*x* Testimonium	
y Veniens esto	*y* Sanctificium	
z Crescens esto	*z* Sanctuarium	
9	10	
a Fiat	*a* Voluntas	tu
b Placeat	*b* Institutio	
c Ametur	*c* Constitutio	
d Diligatur	*d* Præceptio	
e Impleatur	*e* Dispositio	
f Compleatur	*f* Ordinatio	
g Adimpleatur	*g* Consultatio	
h Perficiatur	*h* Providentia	
i Prævaleat	*i* Prædestinatio	
j Proficiat	*j* Commiseratio	
k Formetur	*k* Misericordia	
l Imperet	*l* Miseratio	
m Regnet	*m* Cogitatio	
n Regnans fit	*n* Intentio	
o Observetur	*o* Mens	
p Superet	*p* Divina mens	
q Expleatur	*q* Jussio	
r Operetur	*r* Lex	
s Exerceatur	*s* Justa lex	
t Dominetur	*t* Justitia	
u Conservetur	*u* Veneratio	
v Custodiatur	*v* Consolatio	
x Manifestetur	*x* Justificatio	
y Complaceat	*y* Sanctificatio	
z Permaneat	*z* Illuminatio	
11	12	
a Sicut	*a* Cœlo	et in
b Sicuti	*b* Cœlis	
c Velut	*c* Cœlicolis	
d Veluti	*d* Excelsis	
e Simul	*e* Cœlestibus	
f Pariter	*f* Paradiso	
g Equaliter	*g* Supernis	
h Tanquam	*h* Altissimis	
i Quemadmodum	*i* Supremis	
j Qualiter	*j* Supercœlestibus	
k Multùm	*k* Supremo	
l Multò	*l* Superno	
m Semper	*m* Excelso	
n Jugiter	*n* Altis	
o Assiduè	Alto	
p Aequè	*p* Justis	
q Uti	*q* Bonis	
r Ut	*r* Patria	
s Et	*s* Angelis	
t Perfectè	*t* Beatis	
u Similiter	*u* Felicitate	
v Perpetuò	*v* Beatissimis	
x Continuè	*x* Archangelis	
y Multifariè	*y* Seraphim	
z Multifariàm	*z* Cherubim	
13	14	
a Terrâ:	*a* Panem	
b Terris:	*b* Victum	
c Terrigenis:	*c* Vestitum	
d Terrenis:	*d* Amictum	
e Terrestribus:	*e* Poculum	
f Hominibus:	*f* Vestimentum	
g Peregrinatione:	*g* Operimentum	

h Incolatu nostro:	*h* Nutrimentum	
i Peregrinationibus:	*i* Indumentum	
j Exulantibus:	*j* Incrementum	
k Peccatoribus:	*k* Fomentum	
l Mortalibus:	*l* Edulium	
m Mundanis:	*m* Pastum	
n Humanis:	*n* Potum	
o Mundo:	*o* Cibum	
p Infimis:	*p* Profectum	
q Infimo:	*q* Solatium	
r Imis:	*r* Ornatum	
s Imo:	*s* Subsidium	
t Nobis!	*t* Refugerium	
u Exilio:	*u* Alimentum	
v Fragilibus:	*v* Alimonium	
x Fidelibus:	*x* Commeatum	
y Ecclesiâ militanti:	*y* Sustentaculum	
z Inferioribus:	*z* Sustentaculum	
15	16	
a Nostrum	*a* Quotidianum	
b Justorum	*b* Necessarium	
c Bonorum	*c* Sempiternum	
d Electorum	*d* Præparatum	
e Sanctorum	*e* Perpetum	
f Angelorum	*f* Æviternum	
g Archangelorum	*g* Æternum	
h Supernorum	*h* Optatum	
i Supercœlestium	*i* Sanctum	
j Beatitudinis	*j* Purum	
k Innocentium	*k* Lucidum	
l Puritatis	*l* Sanctissimum	
m Bonitatis	*m* Saluberrimum	
n Innocentiæ	*n* Vivificum	
o Pietatis	*o* Salutiferum	
p Salutis	*p* Robustissimum	
q Pacis	*q* Solidissimum	
r Vitæ	*r* Fortissimum	
s Lucis	*s* Suavissimum	
t Justitiæ	*t* Magnificum	
u Virtutis	*u* Maximum	
v Charitatis	*v* Optimum	
x Felicitatis	*x* Candidum	
y Sinceritatis	*y* Desideratum	
z Perfectionis	*z* Jucundum	
17	18	
a Da	*a* Nobis	
b Dona	*b* Miseris	
c Dones	*c* Misellis	
d Concede	*d* Egenis	
e Concedas	*e* Fidelibus	
f Concedito	*f* Egentibus	
g Impende	*g* Pauperibus	
h Impendas	*h* Credentibus	
i Impendito	*i* Postulantibus	
j Distribuas	*j* Supplicantibus	
k Distribue	*k* Expostulantibus	
l Elargire	*l* Expectantibus	
m Largire	*m* Deprecantibus	
n Præsta	*n* Præstulantibus	
o Confer	*o* Penitentibus	
p Offer	*p* Indigentibus	
q Infer	*b* Mortalibus	
r Offeras	*r* Orantibus	
s Conferas	*s* Petentibus	
t Praebeas	*t* Optantibus	
a Praebet	*u* Precantibus	
v Praebeto	*v* Exorantibus	
x Tribue	*x* Rogantibus	
y Tribuas	*y* Poscentibus	
z Ministra	*z* Miserrimis	
19	20	
a Hodie:	*a* Dimitte	nobis
b Hoc die;	*b* Dimittas	
c Hac die;	*c* Dimittito	
d Quotidie;	*d* Remittas	

e Omní die;
f Continué
g Incessanter;
h Indesinenter;
i Abundanter;
j Sufficienter;
k Clementer;
l Perenné
m Misericorditer;
n Perpetuó;
o Jugiter;
p Semper;
q Assidué
r Pié;
s Affluenter;
t Affatim;
u Providé;
v Gratiosé;
x Gratuitó;
y In aeternum;
z Gratis;

21

a Debita nostrs
b Scelera
c Delicta
d Crimina
e Facinor
f Demerita
g Malefici
h Malefacta
i Peccamina
j Flagitia
k Peccata
l Occulta
m Vitia
n Mala
o Prava
p Neglecta
q Admissa
r Omissa
s Commissa
t Praetermissa
u Transacta
v Imperfecta
x Occultiora
y Perpetrata
z Pessima

23

a Dimittimus
b Remittimus
c Indulgemus
d Reconciliamur
e Compatimur
f Condonamus
g Concedimus
h Condolemus
i Miseremur
j Relaxamus
k Laxamus
l Bonum facimus
m Parcimus
n Beneagimus
o Benefacimus
p Boni sumus
q Largimur
r Elargimur
s Condescendimus
t Succurrimus
u Subvenimus
v Consentimus
x Pacem damus
y Favemus
z Faventes sumus

25

a Nos

e Remitito
f Remitte
g Indulge
h Indulgeas
i Emunda
j Emundes
k Abstergas
l Abstergito
m Absterge
n Relaxa
o Relaxes
p Condona
q Condones
r Resolvito
s Resolvas
t Aufer
u Resolve
v Auseras
x Auferto
y Dissolve
z Dissolvas

22

a Sicut nos
b Sicuti
c Velut
d Veluti
e Quia
f Quantum
g Quatenus
h Qualiter
i Quatinus
j Quoniam
k Quandocumque
l Quotiescumque
m Quemadmodum
n Dummodo
o Qurm citó
p Nempe
q Quippe
r Cum
s Dum
t Uti
u Ut
v Si
x Nam
y Etnim
z Quoties

24

a Debitoribus nostris: et ne
b Debentibus
c Injuriantibus
d Malefactoribus
e Malefacientibus
f *Malefacientibus*
g Insultantibus
h Detractoribus
i Detrahentibus
j Adversantibus
k Adversatoribus
l Adversariis
m Inimicis
n Hostibus
o Æmulis
p Laedentibus
q Persecutoribus
r Laesoribus
s Insidiatoribus
t Calumniatoribus
u Calumniantibus
v Persequentibus
x Malevolis
y Malevolentibus
z Insidiantibus

26

a Inducas in

b Pios
c Justos
d Homunculos
e Bonos
f Mites
g Fideles
h Fragiles
i Homines
j Infirmos
k Miseros
l Mortales
m Credentes
n Miserandos
o Miserabiles
p Christicolas
q Christianos
r Mansuetos
s Simplices
t Parvulos
u Humiles
v Pusillos
x Contritos
y Debiles
z Homunciones

27

a Tentationem;
b Tentationes;
c Tentamentum;
d Tentamenta;
e Tentamina;
f Tentamen;
g Malevolentiam;
h Alienationem;
i Apostasiam;
j Aversionem;
k Defectionem;
l Calamitatem;
m Pravitatem;
n Malitiam;
o Peccatum;
p Interitum;
q Mortem;
r Vanitatem;
s Perditionem;
t Pertinaciam:
u Impoenitentiam;
a Superbiam;
x Displicentiam;
y Obstinationem;
z Desolationem;

29

a Nos
b Omnes
c Cunctos
d Nos omnes
e Nos cunctos
f Inopes
g Egenos
h Miseros
i Misellos
j Pauperes
k Universos
l Sacerdotes
m Ministros
n Infirmos
o Famulos
p Servulos
q Supplices
r Fideles
s Humiles
t Oratores
u Amatores
v Christianos
x Christicolas
y Adoratores

b Induxeris
c Adduxeris
d Adducas
e Inducito
f Adducito
g Perducas
h Perducito
i Perduxeris
j Produxeris
k Conducas
l Producito
m Producas
n Conduxeris
o Conducito
p Abducito
q Abducas
r Praecipites
s Reduxeris
t Reducito
u Reducas
v Introducas
x Introduxeris
y Deducas
z Ducas

28

a Libera
b Liberes
c Liberato
d Releva
e Releves
f Relevato
g Reserva
h Reservato
i Reserves
j Praeservato
k Praeserves
l Praserva
m Conservato
n Conserves
o Conserva
p Custodias
q Custodi
r Serves
s Serva
t Defende
u Redime
v Defendas
x Redimas
y Liberans esto
z Servans esto

30

a Malo
b Malis
c Peccato.
d Peccatis.
e Malitiâ
f Malitiis
g Maleficio.
h Maleficiis.
i Periculo.
j Periculis.
k Perditione.
l Realibus.
m Morbis.
n Morte.
o Reatu.
p Vitiis.
q Vitio.
r Culpâ.
s Culpis.
t Delictis.
u Crimine.
v Delicto.
x Maledictione.
y Maledictionibus.

z Confessores	z Criminibus.

31	32
a Ave,	a Maria,
b Aveto	b Virgo,
c Salve,	c Regina;
d Salveto,	d Domina,
e Gaudeto,	e Puerpera,
f Gaudeas,	f Imperatrix,
g Gaude,	g Dominatrix,
h Laetare,	h Verbi Mater,
i Congaude,	i Dei Mater,
j Congaudeas,	j Mater Dei,
k Congaudeto,	k Sancta Parens,
l Exultes,	l Diva Parens,
m Exulta,	m Pia Mater,
n Valeas,	n Mater alma,
o Valeto,	o Sancta virgo,
p Vale,	p Intacta,
q Vive,	q Inviolata.
r Vivas,	r Patrona,
s Vivito,	s Deipara,
t Exultans esto,	t Advocata.
u Gaudens esto,	u Incorrupta,
v Hilaris esto,	v Intemerata,
x Hilaresce,	x Incontaminata,
y Laeta sis,	y Benignissima,
z Laetissima sis,	z Castissima,

33	34
a Gratiâ	a Plena;
b Laetitiâ	b Repleta;
c Justitiâ	c Impleta;
d Pietate	d Referta;
e Pudicitiâ	e Ornata;
f Castitate	f Exornata;
g Munditiâ	g Decorata;
h Innocentiâ	h Plenissima;
i Charitate	i Refertissima;
j Sanctitate	j Locupletissima;
k Pulchritudine	k Abundantissima;
l Benedictionibus	l Affluentissima;
m Sanctimoniâ	m Ornatissima;
n Integritate	n Circumfusa;
o Castimoniâ	o Sublimis;
p Virtutibus	p Sublimior;
q Castitudine	q Sublimata;
r Puritate	r Ditissima;
s Divinitate	s Locuples;
t Clementiâ	t Abundans;
u Dulcedine	u Affluens;
v Suavitate	v Perfusa;
x Sancto Spiritu	x Dives;
y Sanctitudine	y Refulgens;
z Spiritu Sancto	z Coruscans;

35	36
a Dominus tecum	a Benedicta tu in
b Dominator	b Laudabilis
c Omnipotens	c Venerabilis
d Cunctipotens	d Laudata
e Cunctiparens	e Laudatissima
f Altitonans	f Gloriosissima
g Altissimus	g Honoratissima
h Excelsus	h Reverendissima
i Conditor	i Eminentissima
j Creator	j Potentissima
k Autor mundi	k Castissima
l Summus opifex	l Maxima
m Deus	m Piissima
n Salvator	n Nobilissima
o Rex summus	o Sanctissima
p Maximus	p Pudicissima
q Supremus	q Speciosissima
r Redemptor	r Pulcherrima
s Ineffabilis	s Excellentissima
t Incommutabilis	t Praedicanda
u Excellentissimus	u Mitissima
v Incomprehensibilis	v Ornatissima
x Sanctissimus	x Integerrima
y Fortissimus	y Veneranda
z Salus	z Clarissima

37	38
a Mulieribus;	a Benedictus
b Dominabus;	b Semper benedictus
c Virginibus;	c Superexaltatus
d Matribus;	d Superlaudatus
e Genitricibus;	e Nobilissimus
f Parientibus;	f Clarissimus
g Parentibus;	g Praeclarissimus
h Continentibus;	h Amoenissimus
i Parturientibus;	i Gloriosissimus
j Cœlo;	j Laudabilis
k Hominibus;	k Excellentissimus
l Angelis;	l Benignissimus
m Cœlicolis;	m Praecellentissimus
n Puellis;	n Praeeminentissimus
o Cœlis;	o Eminentissimus
p Superis;	p Praepotens
q Supernis;	q Potentissimus
r Altissimis;	r Suavissimus
s Creaturis;	s Speciosissimus
t Cœlestibus;	t Dulcissimus
u Sempiternum;	u Venerandus
v Aeternum;	v Adorandus
x Omnibus;	x Colendus
y Sæcula;	y Nobilis
z Archangelis;	z Maximé colendus

39	40
a Fructus	a Ventris tui
b Conceptus	b Epigastri
c Unigenitus	c Abdominis
d Primegenitus	d Ventriculi
e Puer	e Habitaculi
f Puerulus	f Umbraculi
g Dominus	g Tabernaculi
h Natus	h Corporis
i Filius	i Corpusculi
j Fœtus	j Uteri
k Infans	k Sacrarii
l Infantulus	l Uberis
m Inhabitator	m Alvi
n Præparator	n Seminis
o Fœcundator	o Sanguinis
p Illuminator	p Visceris
q Conservator	q Operis
r Consecrator	r Lactis
s Glorificator	s Pectoris
u *Fructus*	t *Ventris*
v *Conceptus*	u *Epigastri*
x *Unigenitus*	v *Abdominis*
y *Primogenitus*	x *Ventriculi*
b *Puer*	y *Habitaculi*
t *Puerulus*	z *Umbraculi*

41	42
a Jesus	a Christus
z Deus	b Optimus
c Dominus	c Maximus
d Dominator	d Excelsus
e Imperator	e Gloriosus
f Redemptor	f Altissimus
g Vivificator	g Maximé pius.
h Sanctificator	h Praecelsus.
i Justificator	i Praepotens.
j Conservator	j Omnipotens.
k Fabricator	k Cunctipotens.
l Gubernator	l Dulcissimus
m Moderator	m Clementissimus.
n Mediator	n Benignissimus.
o Salvador	o Magnificus.
p Opifex	p Misericors.
q Rex	q Mitissimus.
r Judex	r Altitonans.

s Rector	s Pius.
t Autor	t Benignus.
u Liberator	u Adorandus.
v Medicus	v Dei filius.
x Ordinator	x Summè potens.
y Pacificator	y Perjucundus.
z Creator	z Incommutabilis.

Quem desejar mais póde consultar a polygraphia e a stenographia do abbade Thrithemio.

Um Amigo de Mysterios.

NOTICIAS.

BIBLIOTHECA DO CHRISTÃO PUBLICADA POR UMA SOCIEDADE PROPAGADORA DO EVANGELHO.

4049 Continua esta collecção interessante das melhores obras religiosas, tanto antigas como modernas, compostas ou em latim, ou nos principaes idiomas europeus, e agora vertidas em vulgar pelos esforços da sociedade editora, para esplendor da religião e melhoramento da moral publica.

Será a collecção ampliada com os escriptos escolhidos dos nossos mais celebres auctores asceticos e doutrinaes, em muitos dos quaes concorre a apreciavel circumstancia de classicos portuguezes, como o padre Bernardes, Vieira, e outros a que se ajuntarão obras do padre Theodoro d'Almeida, sermões de Fr. Sebastião de Santo Antonio etc., começando pelos sermões do padre Vieira.

Das obras dos Santos Padres e das estrangeiras entrarão principalmente « Tratados selectos de Santo Agostinho, de S. João Chrysostomo, e de S. Francisco de Salles « Historia de S. Bernardo e do seu seculo por Neander « Historia da Igreja « Vida de N. S. Jesus Christo « Obras espirituaes e sermões de Bossuet, Massillon, e Bourdaloue « Discurso sobre as relações entre a sciencia e a religião revelada por Wiseman « Genio do Christianismo por Chateaubriand « &c. &c.

Acham-se impressos — Tratado da existencia de Deus por Fenelon — 1 vol. 8.° — Exposição do Dogma Catholico por Genoude — 1 vol. 8.° — Introducção á Vida devota por S. Francisco de Sales — segundo a 1.ª versão portugueza de 1729. — A edição de todos os volumes é uniforme e de mais de 400 paginas, publicados ás tres folhas ou 48 paginas cada semana, pelas quaes pagam os Srs. assignantes 40 réis no acto da entrega. Os assignantes das provincias recebem o volume brochado, e pagam 400 rs. O volume avulso custa 480 rs.

Subscreve-se em Lisboa na loja da Viuva Henriques rua augusta n.° 1. — Os Srs. residentes nas provincias que pertenderem assignar se dirigirão pelo correio aos — editores da *Bibliotheca do Christão.*

Da introducção á vida devota restam apenas á venda poucos exemplares: — não admira: é um bom livro e uma bella traducção. Oxalá que os editores da BIBLIOTHECA DO CHRISTÃO não cancem no seu louvavel empenho. O pessoal conhecimento, que temos do zêlo e das luzes do editor, o Sr. Sebastião Ribeiro de Sá, nos habilita para affiançarmos que esta collecção ha-de vir a ser preciosa, em relação não só á crença e aos costumes, senão tambem á linguagem patria, tão rica, tão serviçal, tão formosa, e hoje tão mal vista e até já tão acinte profanada. Possam estas considerações esforçar o Sr. Sá contra os epigrammas, que de força o hão-de assetear para o devertir do seu proposito: tenha elle sempre presente ao espirito o que o mesmo grande Sancto e grande sabio Francisco de Sales dizia n'uma das suas cartas: — « Bem sei que hei-de attrahir muitas criticas que me hão-de vir tocar na pelle: mas d'isso não faço eu caso. Porque nunca ninguem fez o bem que as não tivesse. »

O CHRISTIANISMO.

4050 Com magua vemos hoje annunciado que o interessante jornal do *Christianismo*, que se publicava em Coimbra e a cujos primeiros numeros fizemos os nossos sinceros elogios, não continuará a publicar-se.

REVISTA ACADEMICA.

4051 Lemos o primeiro numero do jornal que se principia a publicar em Coimbra com o titulo de *Revista Academica, jornal litterario e scientifico*: uma folha de oitavo grande. Contém *Introducção* pelo Sr. J. de Lemos: — Chronica do *Instituto drámatico* pelo Sr. J. F. de Serpa: — *Chronica theatral* pelo mesmo: — *Primeira representação de Maria Paes Ribeira* pelo mesmo: — *Um anjo de mais* pelo Sr. Luiz de Bessa Corrêa: — *Um passeio* pelo Sr. A. Lima: *A religião christã e a philosophia* pelo Sr. G. de A.: — Annuncio de umas annotações a Waldeck pelo Sr. J. da Rocha.

A *Religião Christã e a philosophia*, cujo auctor não temos a honra de conhecer, e cuja continuação se promette, annuncia não só um zêlo sincero mas um sentimento profundo e idéas elevadas.

NEVE.

4052 De uma carta do Porto de 8 do corrente extraimos o que segue.

« Fez hontém um frio insuportavel. O vento parecia uma navalha; e alguma chuva, que no fim da tarde caiu, era neve derretida. Hoje esteve *folieando*, como no alto da Serra do Marão. Até ás nove horas da manhã (que estão dando nas torres) caíam farrapos, maiores alguns que folhas de rosas: parecia uma chuva de flores brancas: mas vae a alliviar: já só caem pequeninos pedaços. »

A 13 nos escreve da mesma terra a Sr.ª... (Obscura Portuense).

Que tempo faz!... esta noite e esta manhã houve um temporal desabrido. Caía a chuva a cantaros, e saraiva muito graúda; o vento e o trovão disputavam a qual mais motim faria; e o frio era extremo; agora que está o ar mais livre, ainda sopra o vento com furia. Não sei se é pelo muito frio que tem feito, que no Porto tem morrido immensa gente, e a maior parte de repente, ou quasi.

E nos Pobres do Porto lê-se: — Escrevem de Guimarães que na madrugada do dia 8 appareceu toda a villa e tudo que d'ella se avistava coberto de neve de mais de cinco polegadas de alto: dizem os velhos que se não recordam de tal; no mesmo dia principiou a derreter.

VISTAS DE LISBOA.

4053 Regalámo-nos hontem de vêr — e de admirar tambem — duas lindas estampas lithografadas, que fazem parte de uma collecção, que se começa agora a publicar, de varias vistas d'esta cidade, e de que

é o principal director o Sr. Diogo José de Oliveira da Cunha, — pelo menos, foi o que nos disseram, e valha por tanto a verdade.

A primeira é obra de dois desenhadores portuguezes, ambos alumnos da academia das bellas-artes, e por isso muito mais para ser apreciada. E é um lindo quadro por certo.

Representa todo aquelle enfeixado de bellezas, que enfeitiça os olhos a quem vae dar o seu passeio pelo alto de S. Pedro de Alcantara. E' o monte do castello com seus intermeios de relva, e apinhado do immenso casarío que o rodeia: é o Téjo lá para o longe, coalhado de embarcações, a resair por entre duas collinas, — a da esquerda coroada pelas torres da sé, e da direita pelas arcadas nuas da egreja do Carmo: e é, no fundo, o toldo copado dos arvoredos da quinta do Sr. Marquez de Castello-melhor, que dão ainda mais realce ao mimoso da paisagem com a sua sombra cerrada.

A outra representa o magnifico templo da Estrella: é perfeita, porque é do Sr. Legrand, e copiada do daguerreotypo.

Consta-nos que S. M. ElRei as vira, e lhes fizera os merecidos gabos.

De boa estrea lhes sejam; pois grande pena seria que tão gentil empreza não fosse adiante, e morresse á nascença, como todas as nossas coisas; porém temos fé que não morrerá, e que antes ha-de prosperar e crescer para inveja de estranhos, e honra de naturaes. *Pereira da Cunha.*

CREDITO PUBLICO.

4054 Saiu á luz o Relatorio da Junta do Credito publico e contas da sua gerencia no anno economic: de 1843-1844.

CURANDEIROS.

(Carta.)

Mafra 7 de março de 1845.

4055 Está o nosso Portugal cheio de curandeiros, e não ha exemplo de tão grande numero. Tinham-me dicto que existiam muitos no Algarve, mas não acreditei que tantos fossem. Demorei-me algum tempo n'essa provincia, e então tive occasião de observar de perto alguns; o mais singular é um que está em Olhão. Faz riso ouvir este homem fallar em termos technicos da arte de curar!! Este curandeiro que mal sabe rapar as barbas, é quem está exercendo uma sciencia tão nobre, como são a cirurgia, e a medicina. Receita sem vergonha, ¿e como vão formuladas essas receitas? Mais proprias para corpolentos cavallos do que para homens. A demasiada bondade do facultativo de Olhão, o Sr. Padua, faz com que este curandeiro não se abstenha de curar. E' tão atrevido, que tem reprovado o tractamento de molestias, feito por habeis facultativos. Este charlatão que tantas victimas tem feito, e que não ha muito tempo, fez uma, foi chamado para ver uma infeliz parturiente, a quem fez terriveis manobras para lhe tirar a placenta, e o feto; o resultado foi a morte da desventurada mulher, causada (provavelmente) pelas contusões e feridas do utero. Outro caso: mandou dar quantidades enormes de pó de sementes de Alexandria, a um menino que tinha uma enterite agudissima! O diagnostico que (elle curandeiro) fez d'esta molestia, era a existencia de lombrigas; este menino está vivo, porque a sua familia chamou um facultativo, e este o livrou da morte. Poderia citar muitos outros casos similhantes, que todos sabem n'aquella villa, mas não quero ser extenso. Admira que este charlatão tenha o patrocinio de gente que tem algum tino! Estou certo que o conselho de Saude Publica do Reino olhará para isto com muita attenção.

Sou com a maior estima de V. respeitoso servo

F. de A. Baleisão.

ESPADAS EM MÃOS DE CREANÇAS.

4056 A 15 do corrente um aspirante de marinha, de edade de 11 annos, achando-se n'uma casa, onde outros dois faziam seu exercicio de jogo d'armas, um com um florete outro com um pau, puchou da cinta o seu ferrinho para tambem se divertir com o do florete; mas este por um movimento involuntario lh'o cravou nas costas, em correspondencia ao peito, uma polegada de profundeza. Nas primeiras 24 horas receou-se que a ferida podesse ter consequencias funestas: estes receios porém já hoje felizmente se dissiparam.

Tres successos d'este genero, tres ferimentos, e dois d'elles graves, teem acontecido ha poucos mezes entre jovens aspirantes da marinha, imputaveis unicamente á permissão, não dizemos bem, á ordem de trazerem á cinta uma espada, antes dos annos em que pulso e intendimento são para ella. Os males que tal costume occasiona, apparecem, choram-se e nem sempre se remedearão: ¿e quaes são os bens que os contrapesam? Nenhuns. Crear valor e infundir brios, dizem: — os verdadeiros brios, e o verdadeiro valor servem-se do ferro, mas nunca são por elle produzidos: se alguma coisa no animo e no coração póde ser gerada por um palmo e meio de metal brunido e agudo, é unicamente fereza e perversidade.

Pedimos que se attenda a isto com sisudeza, para que mais se não hajam de deplorar entremezes de tão horroroso genero.

LICÇÃO PARA MUITA GENTE QUE NÃO HA-DE APROVEITAR A NINGUEM.

4057 Em um dia da semana finda o juiz de direito de certa villa, não mui remota da capital, magistrado de reconhecida rectidão, deu d'ella uma prova que mereceria registada nos livros dos dictos e feitos de Valerio Maximo. — Chegou á audiencia e vendo já todos nos seus logares, apenas subiu á cadeira, puchou pelo relogio e reconheceu que se havia enganado nas horas e chegado mais tarde do que devia.

— Sr. Escrivão?

— Que ordena V. S.ª?

— Autue-me.

— Autual-o, Sr. Juiz!

— Não replique. Cumpra a sua obrigação: autue-me por eu não ter cumprido a minha.

— Mas.....

— Autue-me e faça-me os autos conclusos...

O escrivão obedeceu: os autos subiram logo conclusos ao juiz, que alli mesmo os despachou, condemnando-se em vinte mil réis, que immediatamente pagou.